

BC pode interromper alta da Selic

Queda na produção industrial e nas vendas do comércio varejista justificam o fim do ciclo

JIANE CARVALHO
SÃO PAULO

O ciclo de alta na Selic, iniciado em setembro do ano passado, pode ser interrompido na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco

Central (BC), entre amanhã e quarta-feira. A previsão da maioria das instituições financeiras ouvidas pela reportagem é de que a Selic será mantida em 19,25% ao ano. A taxa sofreu sete elevações consecutivas e hoje está entre as maiores do mundo. Entre as instituições que prevêem mais uma alta na Selic, o argumento mais comum é da necessidade de conter a expectativa de inflação.

De fato, nas últimas três semanas o Boletim de Mercado do BC, divulgado toda segunda,

vem mostrando piora nas projeções da inflação para 2005. No último levantamento, a previsão do IPCA no ano subiu de 0,51%, na semana anterior, para 0,60%. "O papel do Banco Central é ancorar as expectativas de inflação, por isto a necessidade de mais uma elevação na Selic", diz o economista-chefe da **SulAmérica Investimento**, Newton Rosa. Outra preocupação, segundo o economista que acredita em mais 0,5 ponto percentual na taxa, diz respeito à inflação corrente, cujos núcleos não estão cedendo.

A preocupação com a inflação corrente também é um dos principais argumentos utilizados pelo economista-chefe do banco **BNP Paribas**, Alexandre Lintz, acredita em nova alta, mas de apenas 0,25 ponto percentual. "A inflação tem um componente inercial importante e por isto a alta dos preços correntes pesam na decisão de elevar ou não a Selic", diz Lintz. A inflação medida pelo IPCA avançou para 0,61% em março, ante 0,59% em fevereiro. Outro índice que piorou foi o IGP-M, ao registrar uma variação de 0,67%, nos primeiros 10 dias de abril. Em março, no mesmo período a variação havia sido de 0,40%.

A desaceleração na atividade econômica, mostrada pelos dados da produção industrial e do consumo, é o ponto central da argumentação dos analistas que acreditam no fim do ciclo de alta na Selic. Entre janeiro e fevereiro, a produção industrial, medida pelo IBGE, recuou 1,2%. Já as vendas reais do comércio varejista em fevereiro, na comparação com o mês imediatamente anterior, caíram 3,4%. "O próprio BC já havia percebido a desaceleração da economia e os dados divulgados neste mês comprovam os efeitos dos juros altos na atividade", avalia Renata Heinemann, economista do banco **Pátria de Negócios**.

O cenário externo — preocupação demonstrada na última ata do Copom — também melhorou em alguns aspectos. O

CÂMBIO			
Cotação de venda (R\$/US\$)			
Abril			
Taxa	13	14	13
Mínima	2,5880	2,5690	2,5550
Máxima	2,6200	2,5820	2,5650
Fechamento	2,6200	2,5770	2,5620
Plax*	2,5971	2,5747	2,5598

Fontes: Banco Central, InvestNews e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Média do Banco Central

câmbio se apreciou. Embora na sexta o dólar tenha fechado em alta de 1,67%, a R\$ 2,62 na venda, no mês a moeda acumula queda de 2,59% sobre o real. O preço do petróleo, ainda em um patamar considerado elevado pelos analistas, também recuou. Mesmo o estresse no mercado global dos últimos dias, por conta de expectativa de menor de crescimento econômico mundial, não preocupa. Um dos efeitos da turbulência é a disparada no risco-país, medido pelo **JP Morgan**. Na sexta, o risco-Brasil fechou em alta de 6,6%, aos 485,63 pontos. "Esta aversão ao risco não é boa para o Brasil, no entanto ela não vem acompanhada de uma disparada dos títulos americanos, o que seria ruim", diz Renata Heinemann.

Mesmo acreditando que o Copom possa interromper o processo de elevação da Selic, os economistas consideram difícil que o BC atinja a meta de 5,1% para a inflação do ano. O problema reside na dificuldade de conter a alta dos preços administrados, como energia e transporte, responsáveis por boa parte da aceleração dos preços neste início de ano. "Para que o BC conseguisse atingir sua meta seria necessário que choques positivos ocorressem, caso contrário é inviável", diz Lintz, do **BNP Paribas**. Para o economista-chefe do **Bradesco**, Octavio de Barros, independentemente de se atingir a meta, as ações do BC têm um objetivo claro. "O BC já está perseguindo a meta para 2006, com a menor inflação possível em 2005 e o maior crescimento possível."